

Boletim Informativo da Casa do Artista



Editorial

Volume VI, Edição II

Junho de 2016

Reviver os Santos Populares



No dia 10 de Junho celebra-se o Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas.



Sonetos de Luís de Camões

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança;
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem, se algum houve, as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,
Que já coberto foi de neve fria,
E em mim converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mor espanto,
Que não se muda já como soía.

Bibliografia: LÍRICA I – Edição Comemorativa do IV Centenário da Morte do Poeta (Editorial VERBO. Em Lisboa. Ano de 1980).

Nesta edição:

Dia Mundial da Criança	3
Até que enfim, Samora	4
O Pinoia da guitarra	5
Santo António	6
Silêncio, vai falar-se de Fado!	7
Junho... Já cheira a sardinha assada	8
Bem-vinda Maria Candal	10
Vamos à sardinha assada	12
Desabafo	15

O tempo acaba o ano, o mês e a hora,
A força, a arte, a manha, a fortaleza;
O tempo acaba a fama e a riqueza,
O tempo o mesmo tempo de si chora;

O tempo busca e acaba o onde mora
Qualquer ingratidão, qualquer dureza;
Mas não pode acabar minha tristeza
Enquanto não quiserdes vós, Senhora.

O tempo o claro dia torna escuro,
E o mais ledor prazer em choro triste;
O tempo, a tempestade em grão bonança.

Mas de abrandar o tempo estou seguro
O peito de diamante, onde consiste
A pena e o prazer desta esperança.

Bibliografia: LÍRICA I – Edição Comemorativa do IV Centenário da Morte do Poeta (Editorial VERBO. Em Lisboa. Ano de 1980).

*Não é velho aquele que perde os cabelos
mas, sim, a sua última esperança.*

*Não é velho aquele que transporta
no seu coração o amor sempre ardente.*

*Não é velho o que mantém fé em si mesmo,
o que vive saudavelmente alegre, convencido de que
para o coração não há idade.*

Dia Mundial da Criança

... E entre olhares maliciosos
uma pergunta à distância:

- Que será? – Um Lar de Idosos
ou é um Jardim de Infância?

Bem o sou
(após tanto desgosto!)
em tudo o que restou
naquilo de que mais gosto:

Eu gosto de raminhos
com o cheiro dos prados!
Gosto de ver gatinhos
em cima dos telhados!

Gosto do meu vestido
de folhos e de rendas,
e do ar divertido
de quem recebe prendas!

Gosto de ver o sol
brilhando nos relvados!
Eu gosto de pão mole,
de mel, de rebuçados!

Eu gosto de estudar,
saber bem a lição.
Fica a rir e a cantar,
cá dentro, o coração!

Eu gosto de brincar
às fadas, às rainhas!
Eu gosto de gostar
das coisas que são minhas!

Eu gosto de adivinhas!
Eu gosto de brinquedos!
Eu gosto de andorinhas!
Eu gosto de segredos!

Eu gosto de sonhar
que voo, em liberdade,
e há música no ar
sempre ao cair da tarde

Eu gosto de ficar
sentada na areia,
a pensar... a pensar...
que sou uma sereia!

Eu gosto de dormir!
Eu gosto de saltar!
Eu gosto de partir!
Eu gosto de chegar!
Eu gosto de, às escondidas,
mirar quem vai na rua...
Eu gosto de subidas:
Sonhar que vou à Lua!

Gosto de viajar
e de dizer “Adeus!”
Eu gosto de rezar
e de ter fé em Deus!

Cândida Cortes

Até que enfim, Samora:

O Joaquim dos Santos Samora que usa o nome artístico de Joaquim Samora foi ponto teatral e trabalhou em quase todos os teatros. Foi também funcionário da Casa Valentim de Carvalho. Hoje está reformado e veio viver cá para a Casa; tem duas filhas, três netos e é viúvo. É meu companheiro de quarto no primeiro andar, nº 110 (quarto Amália Rodrigues). Veio na quinta-feira Santa, com 78 anos e fez cá, a 6 de Abril, os 79 anos. Seja bem-vindo e que Deus lhe dê muitos anos de vida, com saúde.

Conheci o Samora, tinha eu 20 anos e ele 28. Sempre escreveu para alguns jornais da Cidade de Lisboa e tem muito jeito para escrever poemas, e agora colabora com poesia no nosso Boletim. Muitas felicidades, inspiração e força na caneta.

O Joaquim Samora, meu amigo de longa data, e que ao fim de 50 anos continua alto, magro e elegante. Bem-disposto, com grande senso de humor e gargalhada fácil. Está o mesmo rapaz de bigode e óculos à porta dos seus 80 anos, ainda muito jovens.

Autor: Júlio Coutinho

Olá amigos!

No anterior Boletim falei de nomes da Cena Portuguesa que ouviram palmas e pintaram a cara, como se diz no Teatro; gente que pinta a cara e que cheira a pó de Palco. Hoje vou falar dos meus amigos residentes que também cá estão na nossa “Casa do Artista”. Faço daqui uma chamada de atenção ao grande Afonso Henriques, que escreveu um livro e escreve muito bem para o nosso Boletim. Para mim ele é escritor, melhor do que eu, que não sou coisa nenhuma, faço disto uma brincadeira. Também quero salientar a sua esposa Adília Sequeira, com muito jeito para o desenho e pintura. Envio daqui um beijinho de rápidas melhoras à nossa Lila. E os restantes sócios/residentes que vivem cá em Casa e que são: Sónia Fernandes, Maria Ondina, António Gouveia, Maria Lourdes Carvalho, Pepa Martins, Delmira Nogueira, Adelaide Mota, Fernanda Gamboa, Mário Ramos, Noémia Fernandes, Amorinda Matos, Teresa Ferreira, Etelvina Jubilot, Fernanda Lisenborg, Isabel Queiroz, Fernanda Fonseca, Josefa Antunes, Lucinda Ramos, Odete Ribeiro e Teresa Ávila.

Saliento o Dr. Lopes Victor, advogado da Sociedade de Autores e poeta de fado. Alguns fadistas de nomeada cantam letras dele, além de ser também colaborador do nosso Boletim. Desejo a todos saúde e felicidades.

Autor: Júlio Coutinho

O Pinoia da guitarra

O Pinoia da guitarra
Fadistão à moda antiga
Quando se mete na farra
Com a Licas logo briga
Ela já não liga boia
Nem já diz um ora esta
Pois ao juntar-se ao Pinoia
Fez-se uma ramboia
E gosta-se da festa

Se o Pinoia envinagrado
Dá baixinho o lamiré
A Licas canta-lhe o fado
Para mostrar como é

Varia em fá o Pinoia
Ela bate o corridinho
E continua a ramboia
Com Licas, fado e vinho

Autor: Lopes Victor

Quadras Populares

Viva a Casa do Artista
Também os que lá estão
Vivendo com alegria
Em estreita comunhão

Fazer os outros felizes
É a melhor condição
Recebe muito quem dá
Do que vive em solidão

Por isso sejam felizes!
Mesmo o que pouco tem
Porque quem deu amizade
Há-de sempre ter alguém

Autor não identificado

Colabore com a nova edição do “Boletim Informativo da Casa do Artista”, através das suas histórias, do seu talento, da sua arte.

Contamos consigo!

Fernanda de Carvalho nasceu em Lisboa. Desde muito cedo sentiu o apelo e o senso do belo, demonstrando interesse pelas Artes Plásticas. Iniciou-se na dança tendo como professor o bailarino Mário Ramishki. Dedicou-se também ao teatro e à canção, atingindo o seu apogeu no Terraço do Diário de Notícias, onde atuou para algumas cabeças coroadas, e tendo como madrinha a grande Beatriz Costa.

Frequentou vários cursos de Artes Plásticas, apresentando a sua primeira exposição no Casino do Estoril (1917). É Sócia do Círculo Nacional d'Arte e Poesia e Membro associado da Casa do Artista.

Santo António

Um vaso de manjerico
Tu me vieste oferecer
Com uma quadra tão bela
Que eu nunca mais vou esquecer

Tão verdinho e tão cheiroso
Com um cravo tão bonito
Na Igreja me entregaste
Um vaso de manjerico

É noite de Santo António
Os arraiais eu fui ver
E um vaso de manjerico
Tu me vieste oferecer

Logo o cravo lhe tirei
Coloquei-o na lapela
Então me delíciei
Com uma quadra tão bela

Esta noite de Santo António
Eu quero-te agradecer
Vai secar o manjerico
Que eu nunca mais vou esquecer



SILÊNCIO, VAI FALAR-SE DE FADO!

Ou dos “Santos Populares” ... em sonho!

Sonhei com os três “santos populares”, porém, as suas caras eram bem conhecidas de todos na Casa do Artista, a saber;

Santo António, tinha a cara do eloquente António Gouveia.

São João, era a cara chapada (em negativo) do João da manutenção.

São Pedro, que em vez das chaves tinha na mão direita uma “viola”, e ostentava a imponente careca do ... Pedro Machado.

Mas outras caras conhecidas desfilaram no meu sonho.

Ao colo de Santo António, o “Menino Jesus” era o Armando Venâncio. São José, de bengala ao ombro era o conhecido Avelino do Carmo, que questionava a VIRGEM MARIA (Graça Lobo) ... “e somos nós os pais?

Os três Reis Magos, curiosamente, tinham os três a cara do ... Melchior!

Não consegui encontrar “anjinhos” mas, como todos os Residentes têm “cara d’ anjo”...

Mas aproveitei e trouxe um “pastorinho” com o seu cordeirinho.

Também não trouxe a vaquinha porque se arvorou em ... CORNÉLIA!

Só o burrinho não teve qualquer registo especial porque é mesmo ... Burro!

Pedro Machado

Quadras Populares

Nesta Casa do Artista
Hoje há festa especial
Com os Santos Populares
Belas marchas e arraial

Santo António padroeiro
Nossa Casa alumia
Sois Santo milagreiro
A todos dáis alegria

É de artista esta Casa
E de boa disposição
Com os Santos Populares
António, Pedro e João

Autor: Ricardo Madeira

Junho... Já cheira a sardinha assada

Mês dos Santos Populares e do padroeiro Santo António

Lisboa em cada ruela ou pátio transforma-se em arraiais, e o povo acode sempre folgazão. Claro que a nota mais importante são as Marchas Populares cujo o desfile é o grande acontecimento.

Aparecem marchas alusivas ao seu bairro, e cada uma arranja um tema para desfilarem.

Eu observo que as músicas agora já não têm a mesma qualidade e porquê? Porque os que escreviam músicas e letras no meu tempo tinham aquele espírito popular, e se observámos a maioria das marchas era dedicada a Lisboa, e se continuarmos a observar e formos aos arquivos, chegamos à conclusão de que quem fez mais marchas a Lisboa foi o Raul Ferrão, esse homem que começou a escrever por brincadeira, e que a meu ver foi quem fez as marchas mais bonitas, e só à nossa capital.

Ele tinha um curso que a seguir às minhas linhas fica explicado, tirado da internet. Pois bem, eu conheci-o. Era um homem afável, aparecia às vezes na Emissora Nacional e tocava-me melodias que depois se tornaram conhecidas. O filho Ruy tinha uma bela voz de barítono, e ainda cantou lá, mas mais tarde empregou-se na Televisão. Foi um bom colega.

O Raul Ferrão escreveu lindas melodias. Eu conheci outra versão acerca da canção “Coimbra é uma lição...”.

O maestro Ferrer Trindade foi diretor da orquestra do Casino Estoril, e contou-me que uma noite cantaram essa música a uns turistas estrangeiros. No final foram perguntar-lhe como se chamava, e possivelmente arranjaram a música que estava editada e fizeram o “Abril em Portugal”, será? Aqui fica esta afirmação do maestro.

Agora deixo-vos com um artigo da internet, o que é curioso ver quem foi e o destino deste homem que fica sempre ligado à cidade onde nasceu, Lisboa.

“Lá vai Lisboa com a saia cor do mar”;

“Lisboa nasceu pertinho do céu”;

As letras não são dele, creio que são do Galhardo, mas ficam perpetuadas.

Nini Remartinez

Raul Ferrão

Ninguém diria, mas o compositor de algumas das mais populares e conhecidas canções, fados e marchas de Lisboa era... militar de carreira! Raul Ferrão escreveu música para mais de uma centena de peças de teatro e revistas e ainda para alguns dos mais aclamados filmes portugueses.

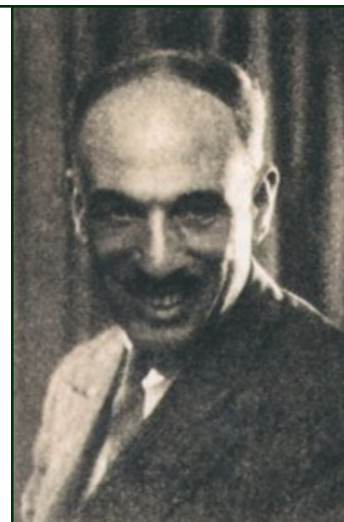
A ele se devem êxitos como “Cochicho”, “As Camélias”, “Burrié”, “Velha Tendinha”, “Rosa Enjeitada”, “Ribatejo”, e ainda canções para os filmes “A Canção de Lisboa”, “Maria Papoila”, “A Aldeia da Roupa Branca” e “A Varanda dos Rouxinóis”; e escreveu ainda música para operetas como “A Invasão”, “Ribatejo”, “Nazaré”, “Colete Encarnado” ou “Senhora da Atalaia”.

Em 1907, com 17 anos de idade, ingressou na carreira militar. Foi professor da Escola de Guerra em 1917 e 1918, depois de ter cumprido comissões de serviço em África durante a I Guerra Mundial.

Ferrão, formado em engenharia química, começou a compor durante os anos vinte e chegou a ser representante da antecessora da Sociedade Portuguesa de Autores, a Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais, em congressos internacionais de direitos de autor.

Extraordinariamente produtivo como compositor (só na década de quarenta escreveu música para quase quarenta revistas!), as suas criações atravessaram gerações, e basta recordarmos duas das mais importantes: “Lisboa Não Sejas Francesa”, originalmente composta para a opereta “A Invasão”, e o eterno “Coimbra”, que, contudo, tem uma história curiosa.

De facto, a melodia de “Coimbra” existia desde 1939 sem que Ferrão conseguisse que lha aceitassem numa peça. A canção foi ficando na gaveta até que, finalmente, apareceu em 1947 no filme Capas Negras, onde foi criada por Alberto Ribeiro, ironicamente, sem grande sucesso. Só três anos mais tarde, quando Amália a interpreta numa digressão internacional, a canção se tornaria popular em todo o mundo, ficando conhecida no estrangeiro como “Avríl au Portugal” ou “Apríl in Portugal”... Ferrão ainda assistiu ao triunfo desta “canção enjeitada” antes de falecer em 1953. O realizador e produtor televisivo Ruy Ferrão, seu filho, encarregou-se de manter viva a sua memória.



Bibliografia: informação retirada do seguinte site <http://www.macua.org/biografias/raulferrao.html>, a 20 de Junho 2016.

Bem-vinda Maria Candal

É boa cançonetista
As doenças fazem danos
Está na “Casa do Artista”
Com o marido Mário Ramos

Senhora de fino porte
Uma voz de Portugal
É de Gaia lá no Norte
Grande Maria Candal

Portuguesa de virtude
De a ouvir tenho saudades
Que tenha muita saúde
E muitas felicidades

O Porto é uma maravilha
Candal o País é seu
Parabéns por essa filha
Que foi oferta de Deus

Autor: Júlio Coutinho

Quadras Populares

Santo António milagreiro
Ó meu querido santinho
Faz com que aumentem o dinheiro
Ao pobre do Zé povinho

Ao São João fazem cascatas
Pra encantar as multidões
E assim os ministros com bravatas
Nos vão sacando uns milhões

São Pedro meu guardião
Meu santinho virtuoso
Livra-nos desta invasão
Dos Santos de pau carunchoso

Meus Santinhos não leveis a mal
Um milagre vos peço eu
Fazei com que Portugal
Ganhe o campeonato europeu

Autora: Mariema

São João

Sou do Porto, sou Tripeira
Na noite de S. João
Dançava a noite inteira
Com amor e satisfação
Tenho saudades infindas
Dessas noites de alegria
Do alho pôrro, de manjericos
Andava na rua até ser dia
Guardo grande animação
Saudades dos namoricos
Na noite de S. João

Autora: Linita Marques



O Ricardo animador
Não para de me chatear
“Escreva qualquer coisa por favor...”
Pronto Ricardo vou começar

A enfermeira e locutora,
Já é mais ou menos conhecida,
Mas o que não sabiam da senhora
É que a rima é bem-sucedida

Chego à Casa do Artista
De manhã pela fresquinha
E já sei quem está à porta mesmo sem olhar,
quando oiço
“Bom dia enfermeiriííííinha”

E começo a preparar as caixas de comprimidos
Para tanta refeição,
Se fossem mais bem servidos
Ia tudo parar ao Dr. Talon!
E aproveito a rima para informar:
Meus queridos: Paracetamol é Bem-U-Ron

E lá vou fazer os pensos,
Com a Ângela a ajudar,
Dá-me as compressas e apressa-me
“A Dr.^a Graciete está a chegar”

Voltamos à enfermaria,
Quase sempre de elevador.
Chegamos à porta é a rebaldaria
Está lá a D. Leonor!

Avalia a tensão,
E crava um cigarrinho,
Colocamos a braçadeira, carregamos no botão
E quanto ao resto “vai de carrinho”.

A Ângela gosta de saber
E faz muitas perguntas como se fosse uma
aula
Já lhe disse que o que tem de reter
É que aqui o 112 é a extensão da Dr.^a Paula

Depois vamos almoçar,
Quando temos um tempinho,
Se nos virem a rir sem parar,
Cruzámo-nos com o Júlio Coutinho!

Uma rima para vocês,
Que me tratam com carinho,
O Sr. Pedro chama-me Bitânia
A D. Julieta avisa-me: “devagarinho”
O Sr. Afonso diz anjo-azul
E ainda leva um chocalatinho!

Seja para o penso ou para a tensão,
Porque dói a cabeça ou estão com alergia,
Para dizer olá ou pedir medicação,
Já sabem: estou na enfermaria

Autora: Betânia Valente

Vamos à sardinha assada

Estala a brasa no braseiro
 À sombra de um pinheiro
 É hora de patuscada
 Cada um com seu copo
 Um pedaço de pão grosso
 Vamos à sardinha assada

Sobem vozes no pinhal
 Anima-se o arraial
 Por entre samas e pinhas
 Corre o vinho nas gargantas
 Come-se até às tantas
 Até findar as sardinhas

E ao cair da tardinha
 É hora de merendinha
 E vai mais um bagaço
 Aviva-se o braseiro
 Uma fatia de pão caseiro
 Vamos ao chouriço assado

Cai a noite no pinhal
 Mas não acaba o arraial
 Que o povo é animado
 E para findar a farra
 Ouve-se trinar a guitarra
 Silêncio: canta-se o fado...

Autor: Joaquim Samora

Quadras Populares

Santo António milagreiro
 De todos os mais famoso
 Já que és casamenteiro
 Arranja-me um par jeitoso

Um par que saiba dançar
 E o faça com vigor
 São João vem a chegar
 Pois que venha com amor

São Pedro, último do mês
 Mês dos Santos Populares
 Cada qual na sua vez
 Cada qual em seus lugares

Santo António e o menino
 No seu colo afagado
 São João com mui carinho
 E o seu cordeirinho ao lado

São pedro está sempre atento
 No lugar em que é preciso
 E transporta com alento
 A chave do paraíso

Autora: Isabel Magro

Quadras Populares da autoria de Júlio Coutinho

Ao desfilar é a primeira
Esta marcha é um demónio
Vamos saltar à fogueira
Na noite de S. António

Eu vou cear à moirama
Vou recordar meu passado
Lá vou na marcha de Alfama
E depois cantar o Fado

Guardo esta linda quadra
Bem juntinha ao coração
Lá está na Feira da Ladra
A Amália no Panteão

Nesta “Casa dos Artistas”
Futebol na Televisão
Paraíso de Fadistas
Na noite de S. João

S. Pedro muito velhinho
Sempre com muitos balões
Eles são 3 os meus santinhos
Para alegrar os corações

Benfica de Carnide é Mãe
São dois bairros de Lisboa
Ajuda desce a Belém
Vai aqui a Madragoa

Estou quase a perder a esperança
Se não acerto na rima
Lá vai a Penha-de-França
Visitar o Alto Pina

Depois danço no asfalto
Com meus lamentos e ais
Vou subir ao Bairro-Alto
Com a malta dos Olivais

Ai esta minha desgraça
Já fui cantar às Pedralvas
Fui com o Castelo e a Graça
Severas e Marialvas

A Pontinha quem diria
Nobre bairro, boa gente
Passa agora a Mouraria
Do Beato a S. Vicente

É um povo muito chique
Marvila vai lá cantar
Da Bica a Campo de Ourique
Lisboa inteira a dançar

Respeitem meus sentimentos
Nem padrinho nem madrinha
Com salada de pimentos
Acompanhar a sardinha

Tiago salta a fogueira
Celeste diz a verdade
Com o Ricardo Madeira
Vai a Paulinha Trindade

Autor: Júlio Coutinho



Vista sobre a cidade de Lisboa

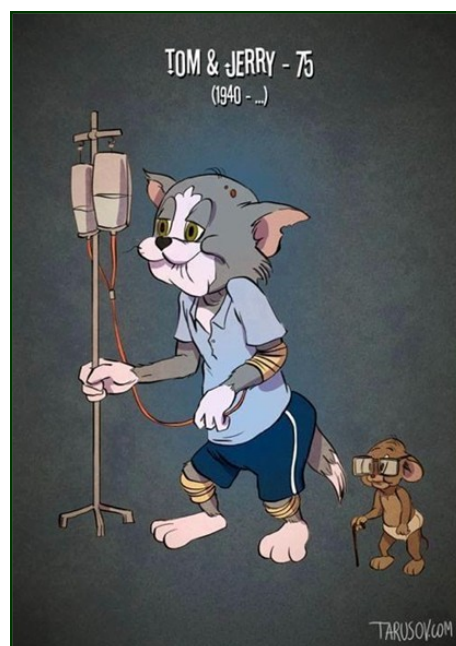
Lisboa à beira-mar, cheia de vistas,
 Ó Lisboa das meigas Procissões!
 Ó Lisboa de Irmãs e de fadistas!
 Ó Lisboa dos líricos pregões...
 Lisboa com o Tejo das conquistas,
 Mais os ossos prováveis de Camões!
 Ó Lisboa de mármore, Lisboa!
 Quem nunca te viu, não viu coisa boa...

Ai canta, canta ao luar, minha guitarra,
 A Lisboa dos Poetas Cavaleiros!
 Galeras doidas por soltar a amarra,
 Cidade de morenos marinheiros,
 Com navios entrando e saindo a barra
 De proa para países estrangeiros!
 Uns p'ra França, acenando Adeus! Adeus!
 Outros p'ràs Índias, outros... sabe-o Deus!

Poemas de António Nobre, do livro "À LISBOA DAS NAUS, CHEIA DE GLÓRIA"

**Este pessoal do meu tempo, também
 envelheceu!**

**Os nossos favoritos são agora também
 idosos**



QUADRA SOLTA

Um amor bem temperado
 É o amor mais bem-amado
 E o meu tem bom sabor
 Mas às vezes é mal-amado.

Lila

DESABAFO

Junto era criança alegre
 Junto aos meus eu fui feliz
 Com o meu avô por perto
 Muito mimada era certo

Com as minhas traquinices
 Era criança bondosa
 Dizem que era manhosa
 A todos fazia rir
 Espetáculo sempre dava
 A meu avô encantava.

Depressam passam os anos
 Com eles eu fui crescendo
 Teimosamente não querendo
 Pois que eu já pressentia
 Que outra vida viria.

Embora rapariga alegre
 Felicidade eu já não tinha
 Com esperança me fiz mulher
 Nunca aceitando as agruras
 De uma madrasta cruel.
 Mulherzinha já eu era
 Bela, simples e bondosa
 Procurando a felicidade
 Em namoricos da idade.

E meu amor encontrei
 E com ele me casei
 Feliz fui ingenuamente:
 Fui vivendo encantada
 Algumas vezes enganada.

Mas contra tudo lutando
 Felicidade inventando
 Por fim eu sou feliz.

O meu avô vou lembrando
 No pai saudosamente pensando
 Já idosa sou feliz
 Teimosamente sonhando
 Noutra vida a encontrar:
 Calmamente, espero o fim.

Lila

Quando eu morrer
 Não quero lamentos e Ais
 Por mim podem beber
 Eu por vós... não bebo mais!

Autor: Joaquim Samora

FACTOS Y FICCIONISMO *Afonso Henriques*

Caçadeira a tiracolo, cardas das botas aos saibraís, giestas, tojeiras, carqueja lomba em lomba, maciço a maciço, um despencar para o vale do rio Paiva, perdizes em alevantos a outros cabeços, nós, sem perdigueiro, a farejarmos poisos. Nem parecia que toda a noite aturáramos um mafarico aos zurros. Nisto, um baque: «E agora?» A merenda, salpicão, presunto, pão de centeio, bem atilhada pela filha do Zé Maria, ficara-se na cozinha da senhora Cândida. «Gaita! Antes o cantil», gritei. Telmo apazigoou: «O burro já galgou as escadas, a comê-la» e logo. Perdemos-nos de vista. Soprei num cartucho vazio: o som de ocarina dispersou-se em ecos. Noutra cabeça, Telmo respondeu, ferindo a alma do sossego. O dia nascera macio, mas agora, ui! Despi a camisa: a pele, na face da aragem, agradecia no bulir dos pelos. Nas fundeiras, o Paiva zoava um zoar de cegarrega, monotonia na modorra do dia. Minas de volfrâmio, riqueza que floresceu até aos fins da guerra, emergiram no cascalho e no mato, a pirite a cintilar nos bordos escuros. Estávamos com sede. O vinho, embora fresco no cantil, não acalmava: atiçava. A fome, essa, outro atiço. As botas, uns tropeços: mão de boi a resvalar na laje. Nisto, na chapada de sol, uma courela, cebolo, alho, couves, a poça e um bardo carregado de cachos murchos. Colhemos dois cachos, bolor, tudo. Corremos à poça: a água, esverdeada, infestação de górdios, girinos, lesmas e rãs. Penedo açapado entre sargaços e madressilvas, carvalhiço a enraizar-se-lhe no toutiço, era um bojo-cinza a reflectir-se na poça. Nisto, espavento de cacarejos alevantou-se do abrigo do penedo. Apontei. O tiro ecoou. Dois baques no mato agoniaram Telmo: «Atirei só para esvaziar chumbos» e depenou penas à alma. Apernámos as perdizes e atilhámo-las aos cintos. Telmo continuava agoniado. Gritei-lhe: «Perdizes não são melros!» Na distância do pouso de uma poupa que fugira do carvalhiço, fumo cinzento toucou a dobra da colina. Trepámos ao fumaréu a fugir de nós para o azul mais próximo e deparámos com um casebre: pelas frestas, e por um janelo, o fumo carregava cheiros a febras, a unto. Mais aos fundos, outro casebre. A mulherzinha, no tugúrio, foi presta: «A casa, além, foi taberna» e, sem tirar os olhos das perdizes, acompanhou-nos. O taberneiro desculpou-se: «Nem para os gastos». Inteirounos: «O mato entupe os caminhos e casco de vinho nem de burro». Abanou a cabeça: «Hoje, nem pão». Olhos nas perdizes, a mulherzinha acudiu: «Cozi uns chícharos. Mesa pobre, mas do coração». O taberneiro, foi dentro: «É do meu gasto». A mulherzinha agarrou no pichel. Telmo desatilhou a perdiz: «É sua», e desagoniou-se. O taberneiro, até aí, geada em bolota, cintilou dos olhos. A mulherzinha arrastou-nos: «Os chícharos são da vagem, venham, venham». No pardieiro, a mesa, um regalo: pinho sem plaina, ensebado, tosco. Canecas de alumínio cheias de mossas e teias de aranha nas pegas e no fundo. Os garfos, de ferro, grandes, desdentados e sujos. Os chícharos: um agudo quando os vazou na travessa de esmalte. Só então me dei conta: continuava em tronco nu. Mas a nossa benfeitora só tinha olhos para a perdiz: a minha seminudez, naco sem graça. Desatilhei a perdiz: «É sua». Levantou o tampo da arca. Atirou a perdiz para o escuro. Pegou tigela com alhos já descascados: «Chícharos com alho de rufo, gostam?» Chegou-se à travessa. Semicerrou os olhos. Compungiu-se. Um êxtase. Meteu dois dentes de alho na boca. Mastigou. Mastigou com os dentes e gengivas. Volteou o lastro na boca, língua a misturar salivas. Emergiu do êxtase. Peito de folecra a arfar, aproximou o buço da travessa e, num brrrrr sibilado, borrifou os chícharos. Remexeu com o garfo. Saboreou uma garfada. Olhos em êxtase, bebeu um gole. Outra garfada, Arrotou. Bebeu outro trago. Arrotou de novo: «Não se acanhem.



Só os fidalgos ajeitam brios de se acanharem». Com a sua bênção, demos a fome e o cansaço à escalavrada descida para o rio. A lombra apartou-me de Telmo. O coelho, aos ziguezagues, fugiu na urze: a chumbada limpou as cristas aos arbustos. Para lá da lombra, outro tiro. Corri. (Como o cansaço é alento em momentos épicos!) Do cimo de um penedo, olhei: um raposinho chorava e lambia a face da raposa que jazia nos fentos.

Sempre sonhara caçar uma raposa, e exibi-la, cauda a arrastar pelos caminhos da aldeia. Telmo, na falha de uma laje, estava calmo: fulgor de herói, sem depenos de alma. (Os heróis ficam sempre calmos). Saudei-o: «Em cheio!» Retorquiu: «Alancas a raposa às costas?» A ideia redemoinhou, afundou-se aos inóspitos do meu ser. Telmo pegara no raposinho, a deixar-se pegar: a tremer e a tugar, lambia os dedos de Telmo. Rouquejei: «Atirei num coelho». A gargalhada de Telmo foi escumilha nos meus tímpanos: «Também eu». Nem lanho de zagalote, aches de assalto a capoeira, nada! A raposa finara-se, doença ou veneno, filhote a deglutir o resumo das tetas ainda mornas do sol. Perigoso deixá-la, a deus-dará, para corvos ou outros carnívoros. Arrastámo-la à boca de mina e demo-la ao breu do fosso: tum, tum-tum, tum, baques espaçados, surdos. Até assustou. Retomámos a marcha, Telmo com o órfão ao colo. Chegámos ao rio, onde a levada faz ponto até ao moinho. Não descalçámos as botas, nem arregaçámos as calças: a água dava pelos joelhos e o arrastar das botas atirava lodo à tona e fazia bolhas de ar, pernas no empuxão da corrente. Na margem direita da levada, bardo a amarelar e cachos cintilavam no sol e no brilho de calda de veneno, os olhos dos fogos das videiras, qual desespero de deuses a debandarem para o batatal das Monteiras. Avisei: «Caganeira na certa, mesmo lavadas». O sol, já no descen-te, não desquebrava. Começámos a ouvir o golfar da água na cale e o estrepito no cabouco. O raposinho, entretido no dedo de Telmo, não tugia. A moleira, ao ver-nos, persignou-se: «Ai, passe fora!» e o seio arredondou-lhe a blusa. Telmo passou-me o raposinho. Saltou ao lameiro. Endirei-tou ao caminho, chloque, chloque, as botas a cuspirem água. Assobiei-lhe: «Eh!» Fez orelha mou-ca: naco de presunto e, para a sossega, copo de verdasco, o seu fito no caminho do burro do moi-nho, ziguezague encosta acima, fentos e musgos nas cardas. À baba do juncal, o Fidalgo retouça-va no lameiro e, deitado junto à porta do moinho, o Farusco, olhos de carneiro mal morto, des-cansava a cabeçorra nas patas cruzadas, os pregos da coleira contra os lobos a dardejarem como cavilhas de solho: ao ver-me, empinou as orelhas e aguçou-se ao raposinho que estremeceu na concha dos meus braços. O alpendre ardia no lume. Dentro, na meia-penumbra, monte da palha abria um ventre loiro. A moleira fez festas ao raposinho: «Onde o acharam?» Pegou-lhe. Aninhou-o na palha. Levantou o fulgor dos olhos: o seio encheu de novo a blusa e o Farusco não estava ali a guardar o tesouro.

Não demos conta do raposinho a pisgar-se. Um rosar assarapantou-nos. A moleira sal-tou. Berrou. Correu. Ferrou um pontapé no Farusco: «Arreda! Arreda!» Tinha o dente rijo, o sacripanta: o raposinho nem gera. A moleira pegou-lhe: «Manhoso como o dono, és?» No cabelo negro, uma palha loira brilhava como travessão de ouro. Bando de perdizes, remontado dos caminhos de Telmo, voou a outro poiso. O Fidalgo saltou dos juncos, aos pinotes, e especou-se a cheirar o sangue. A moleira pespegou-lhe duas palmadas nos quartos, xou! xou! os seios, de novo, a encherem a blusa.

“NÃO É PERMITIDO ENVELHECER”

**PROPRIEDADE:
APOIARTE —
CASA DO
ARTISTA**

Estrada da Pontinha, 7
1600-582 Lisboa

Tel: 217110890
Fax: 217110898
Correio eletrónico:
Geral@casadoartista.net

Ficha Técnica

Edição e Coordenação:
Ricardo Madeira
(Animador Sociocultural)

Responsável pela Edição:
Conceição Carvalho

Revisão:
Fernando Tavares Marques

A APOIARTE/CASA DO ARTISTA—Associação de Apoio aos Artistas é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), destinada a apoiar e dignificar aqueles que exerçam ou tenham exercido funções relacionadas com a atividade do espetáculo nas áreas das artes cénicas, da televisão, do cinema e da rádio.

A Residência, o Teatro Armando Cortez, a Galeria Raul Solnado e o Centro de Formação constituem as várias valências de apoio e desenvolvimento dos objetivos definidos na sua génese. Abrangida pela Lei do Mecenato Cultural, tem contado com vários apoios que, de algum modo, nos têm ajudado a contribuir para a melhoria da qualidade de vida de todos os residentes nesta Casa do Artista.



Agenda Cultural

Na sala Beatriz Costa:

- No dia 1 de Julho celebra-se o Dia Mundial das Bibliotecas;
- Atuação do Grupo de Cavaquinhos da Ericeira e do músico Jorge Vadio, no dia 5 de Julho 2016 (terça-feira), na Sala Beatriz Costa às 15 horas;
- Apresentação do “Boletim Informativo da Casa do Artista”, no dia 6 de Julho 2016 (quarta-feira), na Sala Beatriz Costa às 15 horas;
- “Arte de Contar” com a contadora de histórias Isabel Curica, no dia 12 de Julho 2016 (terça-feira), na Sala Beatriz Costa às 15 horas;
- Hoje há Fados!, com os fadistas Linda Mónica, Alcina Santos, Elísio Duarte e Mina Maria, no dia 14 de Julho 2016 (quinta-feira), na Sala Beatriz Costa às 15 horas;
- Visita Guiada ao Teatro Nacional D. Maria II, no dia 18 de Julho 2016 (segunda-feira), às 11 horas;
- Encontro com a Música, com o artista Mário Piçarra, no dia 21 de Julho 2016 (quinta-feira), na Sala Beatriz Costa às 15 horas;
- Visualização do Musical “AMÁLIA” de Filipe La Féria, no dia 22 de Julho 2016 (sexta-feira), na Sala Beatriz Costa às 15 horas;

No Teatro Armando Cortez:

- A Yellow Star Company apresenta a comédia “EU TU e a terapeuta”, com os actores Joana Bastos, Miguel Dias e Isabel Ribas, entre os dias 1 a 24 de Julho 2016;
- No dia 14 de Julho 2016—Stand up Comedy “A falar para o boneco”, com João Seabra;
- Nos dias 29 e 30 de Julho 2016, não perca o espetáculo com o ilusionista Luís de Matos—“Luis de Matos CHAOS”.